

LARS KEPLER

O PORTO DAS ALMAS

Tradução de Regina Valente

Ninguém sabe para onde vamos quando morremos, nem se os lugares do além-túmulo existem apenas dentro de nós, entre as fulgurações das sinapses. As imagens recorrentes nos testemunhos de quem teve uma experiência nas fronteiras da morte, segundo os investigadores, são produzidas pelo cérebro em crise pela carência de oxigénio devida à paragem cardíaca.

É claro que as nossas explicações neurobiológicas remontam apenas a alguns decénios atrás, enquanto os testemunhos são sempre os mesmos há milénios. Desde as primeiras culturas com registos escritos até hoje, aquilo que nos espera depois da morte é narrado de uma forma surpreendentemente homogénea.

Segundo a mais antiga religião egípcia, no tribunal de Osíris a alma humana é pesada, pondo-se no outro prato da balança a pena da verdade. Na mitologia clássica chinesa, o reino dos mortos chama-se Terra das Fontes Amarelas. É ali que os mortos permanecem sob a forma de «espíritos famélicos», até que o dominador dos infernos decida o seu destino. Em muitos mitos gregos, romanos e africanos, o reino dos mortos começa na margem de um rio que é preciso atravessar de barco. No islão, todos os mortos esperam o seu juízo, e o cristianismo contempla um estádio intermédio antes da eternidade, aquele no qual transita Jesus e do qual regressa Lázaro. No judaísmo, os mortos vão para o Sheol sob a forma de sombras sem comunhão com Deus. Na fé hinduísta e na mitologia escandinava, pode morrer-se até no reino dos mortos.

As pessoas que no nosso tempo contam aquilo que viram depois que o coração parou de bater falam frequentemente de um túnel, de

uma luz que as envolvia, do encontro com os parentes mortos, de águas escuras e de lugares que nunca tinham visto.

Para estes mitos e para estes testemunhos pode encontrar-se certamente uma explicação psicológica e neurológica. Ao longo de toda a vida, cada indivíduo experimenta cerca de dez novas percepções sensoriais por segundo, mas no mesmo lapso de tempo, a nível inconsciente, regista mais de dez milhões. Esta capacidade de selecionar e organizar as informações numa série de esquemas complexos é aquilo a que vulgarmente chamamos memória. Mas nós apenas temos acesso a uma mínima parte de tudo aquilo que é armazenado na memória a longo prazo: quase tudo permanece latente neste imenso armazém até ao instante da morte.

1

Antes de uma missão perigosa, a tenente Jasmin Pascal-Anderson tinha o hábito de observar durante alguns instantes a fotografia que conservava na carteira. O papel brilhante tinha-se dobrado, formando uma fissura que dividia a imagem em dois. Retratava o comando do seu pelotão: cinco equipas de fogo e movimento, e ela no meio, a única mulher. Os homens, de colete à prova de balas e capacete, tinham assumido uma pose divertida de adoração. Mark tinha os seus óculos de sol cor-de-rosa e um cigarro no canto da boca, Lars tinha pintado uma risca negra por baixo dos olhos, dos dois lados do nariz, e Nico baixara as pálpebras no instante do disparo.

Na fotografia, Jasmin trazia os cabelos ruivos amarrados numa trança estreita, ria como uma menina na festa de aniversário e segurava a sua *M240B* com a coronha aberta. A metralhadora era quase tão comprida como ela, razão pela qual os músculos dos braços sardentos se mostravam tensos. A pesada cartucheira cheia de balas encamisadas desenrolava-se pelo chão, ao lado das botas militares.

Jasmin nunca sentia medo, mas sabia reconhecer uma missão particularmente arriscada. Observou a fotografia por uns instantes, para recordar a si mesma que os seus homens confiavam nela, que era responsável pela sua incolumidade.

Era uma boa oficial.

Mark, na brincadeira, dizia que só a tinham promovido a tenente porque ela queria ter sempre a última palavra.

– Não é nada verdade – respondia ela, de todas as vezes.

Voltou a meter a fotografia na carteira e ficou imóvel por um instante.

Acontecia-lhe raramente ter maus pensamentos. Mas agora tinha a sensação de que sobre a sua alma pairava uma sombra, apesar de tudo parecer igual a sempre.

Hesitou, depois pôs os pequenos brincos de pérola que a mãe lhe tinha oferecido.

E isso tranquilizou-a, sabe-se lá porquê.

A sua equipa entrava na operação Joint Forge da NATO, mas agora tinha-lhe sido atribuída uma missão especial em Leposavić.

As forças sérvias tinham-se retirado do Kosovo há algum tempo. Os soldados, em filas que pareciam longas serpentes, abandonavam as aldeias e as cidades. Já devia ter acabado tudo, mas no Kosovo do Norte existiam ainda enclaves que agiam autonomamente.

O grupo de Jasmin era um dos cinco encarregados de verificar as denúncias de violências aos civis de Sočanica.

Não tinham veículos para o transporte de tropas, e com aquela chuva intensa tornava-se cada vez mais difícil avançar com o *Jeep*. As estradas eram acidentadas, com as bermas corroídas pelas intempéries e o rio Ibar turvo de lama.

Sentada ao volante, Jasmin viu que Lars estava lívido. Tinha tirado o capacete e mantinha-o sobre os joelhos.

– Não seria melhor usar um saquinho, para vomitar lá para dentro? – brincou.

– Estou como um paxá – respondeu Lars, erguendo o polegar.

– Guardámos-te um bocadinho de *Misty Green* – troçou Nico.

– E esparguete com merda de rato – gracejou Mark.

Na noite anterior, os homens tinham tido permissão para folgar, com a desculpa do Ano Novo chinês. Fizeram umas lanternas vermelhas com saquinhos de pipocas e dispararam foguetes bengala para o céu para os verem descer devagarinho, com os seus pequenos paraquedas, como meteoritos lentos. Comeram *spring rolls* e massa de arroz, acompanhados por uma bebida que eles mesmos inventaram e que batizaram como *Misty Green: vodka* sueca e folhas de chá verde da província de Hangzhou.

Lars, como de costume, bebeu demasiado. Quando depois vomitou,

Mark pôs-se ao lado dele e disse-lhe que tinha comemorado o ano do Rato acrescentando à massa um pouco de excrementos daquele animal. Lars, ainda abraçado ao balde, começou a gritar que estava a morrer, mas o resto do grupo respondeu-lhe que era uma honra morrer sob o comando de Jasmin.

Enquanto a festa continuava, Jasmin regressou à sua tenda e sentou-se a estudar as últimas imagens via satélite, tentando memorizar a configuração do local. Gostava de os ouvir rir, dançar e cantar.

Ao longo dos anos, Jasmin tinha tido relações sexuais com três dos homens que faziam parte da equipa atual, mas isso tinha ocorrido antes de ter um posto superior ao deles. Para ser sincera, não lhe desagradaria ir outra vez para a cama com eles. Obviamente, estava fora de questão, apesar de a proximidade da morte tornar a solidão bastante palpável.

No início do serão, cruzara o olhar brilhante de Mark. Era um belo homem, com aqueles olhos maliciosos e os bíceps cheios, e Jasmin perguntou a si mesma se não seria o caso de abrir uma exceção, para aquela noite, em vez de se limitar a ficar sozinha.

A manhã tinha chegado com um céu de chumbo carregado de chuva. O *Jeep* derrapava e uma água acastanhada subia para as rodas. Jasmin reduziu a mudança, guinou à esquerda e subiu lentamente a encosta íngreme.

Meio quilómetro a sul de Sočanica a estrada estava completamente impraticável, e por isso Jasmin decidiu continuar a pé.

Enquanto conduzia o grupo em direção ao vale, sentia mais forte do que nunca o cheiro a gordura lubrificante. O peso da arma era subitamente um tormento. A cada passo, a metralhadora puxava a correia, quase como se estivesse a tentar fugir ao seu próprio destino.

Os maus pressentimentos tornavam-se cada vez mais fortes.

Mark fumava debaixo da chuva, a cantar *China Girl* a duas vozes com Simon. Pesava sobre tudo um véu lúgubre. Sobre o céu húmido, sobre as encostas desoladas e sobre a água acinzentada do rio.

O rádio crepitava, a receção era péssima, mas Jasmin ouviu aquilo que bastava para perceber que os grupos britânicos estavam bloqueados logo a seguir a Mitrovica. Por isso, decidiu fazer um reconhecimento

enquanto esperava pelos ingleses e desceu à frente das cinco equipas de fogo e movimento em direção à aldeia incolor.

Os brincos tilintavam contra as fivelas do capacete ao ritmo dos seus passos.

Assim que chegaram à primeira habitação, viram uma menina estendida de barriga para baixo sobre a erva húmida, ao lado de um triciclo. Em frente à entrada estava uma mulher grávida, sentada no chão, com as costas apoiadas ao muro. Fora atingida no peito e estava morta e exangue. À frente dela, algumas galinhas brancas debicavam o saibro. A chuva fazia ferver as poças.

Jasmin tranquilizou Nico, deu-lhe tempo para rezar uma oração e beijar o crucifixo, e depois conduziu o grupo para o centro da povoação.

Um disparo à distância, breve como uma chicotada, reverberou por entre as casas do vale.

Jasmin deteve o grupo em frente a uma longa escada entre dois edifícios, chegou-se para o lado com circunspeção e lançou um olhar em direção à praça do mercado, onde estava uma banca de legumes e uma velha rulote. Cerca de trinta homens do enclave sérvio mantinham em fila um grupo de rapazinhos.

Um soldado segurava um guarda-chuva sobre a cabeça de um oficial de barba negra, sentado numa poltrona às flores. A chuva não conseguia lavar o sangue do terreno diante dos seus pés. Um rapazi-nho foi posto de joelhos à força, o oficial disse qualquer coisa e depois deu-lhe um tiro no rosto.

Queriam executar todos os homens do país.

Enquanto o cadáver era arrastado dali para fora, Jasmin conseguiu restabelecer o contacto via rádio com os dois grupos britânicos. Estavam a caminho para os ajudar. Chegariam junto dela em menos de quinze minutos.

Agora era a vez de um miúdo de faces arroxeadas, que foi obrigado a ajoelhar-se em frente ao oficial.

Alguém poderia pensar que ela, naquele momento, poderia estar dominada pelas suas próprias emoções, mas nenhum dos seus homens hesitaria em obedecer-lhe. Sabia que lhe bastariam três minutos para posicionar as cinco equipas de fogo e movimento de forma a poderem abater 80 por cento dos inimigos sem sofrer perdas.

Assim que os seus homens se posicionaram, olhou pelos binóculos e viu uma coluna de dez automóveis imundos de lama, cheios de soldados sérvios, que entravam na estrada principal e se dirigiam à praça do mercado.

Antes, através das imagens via satélite, tinha-os visto afastarem-se da povoação, já para lá de Lešak. Agora, sabe-se lá por que razão, tinham voltado para trás. Para impedir aquelas execuções, o seu grupo teria de arriscar o dobro.

Ainda assim, Jasmin deu a Mark a ordem de eliminar o carrasco. Ouvia-se um disparo, a bala trespassou-lhe o crânio de um lado ao outro e o sangue esguichou para o encosto da poltrona.

Entre os sérvios instalou-se o caos, mas em trinta segundos os homens de Jasmin neutralizaram mais de metade.

O coração saltava-lhe no peito, a adrenalina correu-lhe nas veias e deu-lhe uma lucidez glacial.

Três soldados armados de espingardas automáticas protegeram-se atrás de um muro.

A *M240B* de Jasmin recuou, as balas cavaram uma linha de furos nos tijolos e uma nuvem vermelha de sangue rodopiou sobre a crista do muro.

Cerca de dez soldados tinham-se refugiado dentro de uma casa. A porta estava entreaberta e oscilava. Os rapazinhos, que se tinham atirado para o chão no início do tiroteio, levantaram-se naquele silêncio súbito, aterrados e confusos, e procuraram a salvação numa viela ao lado da praça. Um deles, muito magro, levava pela mão um irmão pequenino, lavado em lágrimas.

A porta da casa abriu-se de repente: saiu de lá um homem da milícia sérvia, que partiu em perseguição dos rapazinhos enquanto tirava o pino de segurança a uma granada de mão. Nico, ao lado de Jasmin, disparou a sua espingarda de francoatirador e atingiu-o diretamente na cabeça. O soldado caiu para a frente e ficou imóvel até que a granada explodiu e fez desaparecer o corpo numa nuvem de pó.

Os miúdos correram ao longo da viela, em direção ao vale, e Jasmin crivou de balas a porta e as janelas da casa, para lhes dar tempo de fugirem.

Assim que eles se afastaram, Jasmin lançou um rápido olhar à direita. Os carros dos reforços sérvios tinham parado e mudado de percurso: subiam a grande velocidade uma estrada inclinada que ia dar à retaguarda do seu grupo. Era evidente que estavam em contacto via rádio com alguém que os via e que sabia onde estavam escondidos.

Mark e Vincent tinham sido feridos de forma ligeira. Muito em breve, a situação ia escapar-lhes das mãos. Jasmin ordenou a Lars e a Nico que ficassem onde estavam e cobrissem a retaguarda dos outros, que se iam proteger nas traseiras da velha igreja. Entendia perfeitamente que os dois que ficavam no mesmo lugar iam ser separados do grupo, mas não havia outra coisa a fazer. Ela, por sua vez, correu para o lado de cima, abriu a coronha e estendeu-se de barriga para baixo. Enquanto tivesse munições, seria capaz de tomar conta dos soldados que tinham chegado nos carros.

A adrenalina fazia-lhe tremer os dedos. Apontou a mira.

Jasmin tinha ao alcance do tiro uma fila de edifícios de um quarteirão inteiro, mas não dispunha da mínima possibilidade de se defender de um eventual ataque pelas costas. Naquele momento, o seu objetivo principal era proteger os seus homens até à chegada dos reforços britânicos.

Graças ao fogo de cobertura, Mark e os outros conseguiram chegar à igreja. Um soldado sérvio correu até eles, empunhando uma espingarda automática cor de areia, mas Jasmin atingiu-o no tórax, com uma rajada que destruiu também uma motorizada ferrugenta encostada à parede.

Ouviu alguns gritos atrás dela, mas não tinha tempo para se virar: para proteger os seus homens, continuou a disparar ao longo das fachadas. Voaram lascas de persianas e de pedra. Disparou repetidamente para manter o inimigo coberto, no meio das casas. Sentiu o recuo da arma reverberar-lhe no corpo, o calor do metal e o cheiro dos gases libertados pela pólvora. O suor escorria-lhe sobre os olhos, as detonações ribombavam-lhe nos ouvidos. Os dedos perderam sensibilidade, e depois sentiu uma estranha dor ardente nas costas.

2

Jasmin Pascal-Anderson acordou da anestesia no Hospital Nacional de Budapeste. Vislumbrou uma silhueta ao lado da janela e percebeu que se tratava de Mark. Tentou falar, mas ainda estava sem voz. Não era fácil distingui-lo no anel de luz irregular que tinha diante dos olhos. Mark tinha-lhe levado um dos seus brincos; sentou-se na beira da cama e disse qualquer coisa que ela não entendeu, depois acariciou-lhe uma face e fitou a pequena pérola no lóbulo da orelha esquerda. Com uma mão desprovida de forças, Jasmin tirou a máscara de oxigénio embaciada e respirou rapidamente.

– A morte está fora de serviço – tossicou.

– Jasmin, estás viva. Não estás morta – murmurou Mark, tentando sorrir.

– No porto há uma fila de gente para ir embora – disse ela, ofegante. – Há lâmpadas vermelhas penduradas por toda a parte, os cartazes são todos em chinês, não percebo... está tudo errado, não percebo...

– Vai ficar tudo bem – tranquilizou-a.

Entrou uma enfermeira, que lhe perguntou em inglês como se sentia; depois verificou o nível do oxigénio e o monitor cardíaco. Jasmin olhou Mark nos olhos, mas teve a impressão de que o seu próprio olhar estava virado para dentro, para a confusão de imagens que tinha na cabeça.

– Daqui a pouco vai poder falar com o médico – explicou a enfermeira, e depois foi-se embora.

– Os homens da Tríade estavam por todo o lado – continuou

Jasmin, fazendo um esforço para não chorar. – Vi-os arrancar uma criança aos pais.

– Jasmin...

– Não há justiça, ali – disse Jasmin, a abanar uma mão sobre a garganta. – Eu vi tudo, estava no cais e vi o Nico subir a bordo, oh, meu Deus...

– Jasmin, o Nico morreu.

Mark acariciou-lhe uma mão.

– Mas se eu te estou a dizer que o vi no porto.

– Também morreu o Lars.

– Oh, meu Deus.

Jasmin desatou a chorar e virou a cabeça para o outro lado.

– Sonhaste com um monte de coisas horrendas...

– Eu não consigo, eu não consigo – gritou ela, com os olhos cheios de lágrimas. – Demos cabo do reino dos mortos, já não funciona, não é justo, demos cabo de tudo...

Calou-se, mas estava ainda com a respiração ofegante quando o médico abriu a porta e entrou. A frequência cardíaca aumentou, o teor de oxigénio baixou e o dreno encheu-se de sangue.

O médico parou diante dela e disse que ia ficar tudo bem, que Jasmin tinha tido sorte, depois falou-lhe da ferida provocada pela arma de fogo e da intervenção de urgência.

O projétil tinha entrado no músculo grande dorsal, atravessado a décima primeira costela, lesionado o intestino grosso e saído pelo outro lado, ao nível do estômago. Jasmin tinha perdido muito sangue, mas a operação tinha-se concluído com sucesso. Não ia ficar com lesões permanentes.

– Se tivesse chegado aqui cinco minutos mais tarde, não haveria nada a fazer – prosseguiu o médico, com um olhar grave e muito sério. – Estava em choque hemorrágico, quando a anestesiámos. O seu coração esteve parado durante um minuto e quarenta segundos.

Depois de repatriada, Jasmin foi acolhida pelo Centro de Traumas Psiquiátricos de Estocolmo. Sentada numa poltrona verde-clara do esqualido ambulatório, preencheu o formulário no qual

devia falar de si e do seu problema. Quando chegou às linhas onde tinha de explicar tudo o que acontecera, a caneta parou.

As imagens do além atravessaram-na como uma vaga. Sentiu um formigueiro nos lábios e dificuldade em respirar, recordando os episódios de violência naquele porto escuro, com a fila de pessoas e o cheiro dos motores a *diesel*.

Levou uma mão trémula à boca e recordou o momento em que tinha visto Nico, de olhos baixos, a subir a bordo de uma barça ferrugenta.

Na poltrona em frente à dela estava uma jovem mulher com um formulário idêntico. Escrevia lentamente, com lágrimas que lhe sulcavam o rosto marcado e formavam manchas húmidas e escuras sobre o *hijab*.

Jasmin engoliu em seco, voltou a baixar os olhos para a pergunta relativa àquilo que lhe tinha acontecido e pensou em deixar um espaço vazio, mas depois mudou de ideias e escreveu: *Morri*.

Durante três meses, foram-lhe administrados antipsicóticos para combater a convicção quase psicótica de ter realmente visto o reino dos mortos. Mark estava sempre presente e dava-lhe apoio. As doses dos medicamentos foram gradualmente reduzidas, mas Jasmin teve de continuar a fazer a psicoterapia cognitivo-comportamental até novembro.

Fez um sorriso de impaciência quando o velho psicólogo repetiu que a alucinação tinha sido causada pelos acontecimentos traumáticos do confronto com armas de fogo em Sočanica. Era um mecanismo de defesa absolutamente natural. As imagens do porto na China provinham da noite em que o comando tinha festejado o Ano Novo chinês, enquanto a fila de pessoas no cais era um reflexo mental dos rapazinhos que esperavam a execução.

– Ou talvez eu lhe tenha contado alguma coisa que poderá ser-lhe muito útil quando morrer – respondeu ela.

Sobre o confronto no Kosovo do Norte foi aberta uma investigação interna, de cuja ata final se apurou que Jasmin tinha demonstrado uma capacidade de comando fora do comum: tinha impedido um massacre e salvo a maior parte do seu comando, graças à difícil decisão de ficar numa posição estratégica juntamente com uma

das equipas de fogo e movimento. Distinguida com a medalha da NATO por serviço meritório, recusou-a e não participou na cerimónia.

No momento da entrega dos prémios, Jasmin estava numa cama de um quarto de hotel, encavalitada em cima de um homem que tinha conhecido no ginásio. Era parecido com Nico, com os mesmos cabelos loiros, e era estranhamente excitante senti-lo dentro dela.

Jasmin tinha os caracóis ruivos despenteados e os olhos irritados pela falta de sono. As sardas estavam pálidas como migalhinhas de pão no seu rosto corado. A face esquerda estava avermelhada devido à fricção contra a barba que despontava na face do homem.

A cama de casal tinha-se afastado da parede, deixando a descoberto uma tomada poeirenta e os fios dos candeeiros.

Não lhe acontecia com frequência, ir parar a um hotel na companhia de um homem, mas às vezes achava necessário. Aquela fugaz intimidade, seguida de uma sensação de vazio, fazia-a sentir-se uma pessoa real.

Sabia que nunca mais ia encontrar aquele homem: não suportava a ideia de conviver com pessoas incapazes de compreender o que tinham passado, ela e os seus homens, naquele dia de outono no Kosovo do Norte.

Tinha tido sorte, a ferida tinha sarado depressa e a cicatriz assumira uma tonalidade mais clara que agora parecia uma pétala de rosa.

Rapidamente percebeu que, enquanto continuasse a falar daquela cidade portuária, a iam tomar por louca. Certas verdades, mais vale guardá-las para nós.

Mudou-se para a casa de Mark e tentou ajudá-lo nos afazeres quotidianos, mas passava a maior parte do tempo às voltas pela casa, com uma camisola demasiado larga, que lhe dançava abaixo da anca, e uns *jeans* desbotados com as bainhas esfarrapadas à força de as calcar com o tacão.

Acabaram na cama, e do período que se seguiu ficou-lhe apenas uma série de *flashes*: um copo de *tequila* batido com força em cima da mesa, cerveja checa, Eminem no máximo do volume, convidados com flores cortadas dos canteiros dos vizinhos, angústia, analgésicos, churrascos com bolas incandescentes de gordura a arder,

sexo alcoólico com Mark na cama desfeita, ela deitada de barriga para baixo no sofá de pele ou no chão da cozinha, ou no prado húmido de orvalho na margem do lago.

A certa altura, teve um atraso no período. Jasmin não fez caso, mas ao fim de duas semanas foi comprar um teste de gravidez.

Quando viu aparecer as duas marcas azuis, faltou-lhe o ar. Molhou o rosto com água gelada, sentou-se na tampa da sanita e começou a rir-se sozinha.

3

A vida é incompreensível. A vida é a exceção, uma chamazinha de luz rodeada por uma escuridão sem fim. Em Jasmin, a gravidez produzia um sentimento de absolvição. Acreditava ter superado o grande terramoto da sua vida, mas os abanões sentidos até então eram apenas vibrações que preludiavam o verdadeiro sismo.

Muitas vezes, de noite, acordava depois de um pesadelo no porto do reino dos mortos, mas nunca falava sobre isso com ninguém.

Inscreveu-se num curso de Gestão de Conflitos Internacionais, na faculdade. Mark, pelo contrário, não mudou uma vírgula. Quando estava em casa, entre duas missões, continuava a dar festas. Na manhã seguinte ela limpava tudo e depois fechava-se no quarto com os seus livros, enquanto os convidados iam acordando e tomando o pequeno-almoço.

Uma noite pôs-se em frente ao espelho a olhar para a barriga, como fazia muitas vezes. De início projetava o ventre para a frente, para ver melhor aquela rotundidade, mas agora já não era preciso. Estava na vigésima sexta semana e sentia-se bonita. A pele irradiava brilho e os cabelos pareciam mais ruivos do que nunca. As sardas viam-se claramente sobre todo o corpo e adensavam-se numa nuvem que lhe cobria o peito desde as clavículas até aos ombros e aos braços fortes.

Certificou-se de que a porta do quarto estava fechada à chave, depois deitou-se, virou-se de lado e fechou os olhos, mas não conseguiu conciliar o sono. Mark e os amigos estavam a ouvir música no máximo, havia uma mulher que ria e gritava, barulho de automóveis, copos que se partiam.

Já passava das quatro horas quando Jasmin adormeceu, cobrindo as orelhas com as mãos.

Acordou com palpitações, e recordou que tinha sonhado com lanternas de papel vermelho com ideogramas em dourado claro. Virou-se de costas para baixo e viu algumas espirais de fumo contra a luz do teto.

Agarrou no copo de água que tinha em cima da mesa de cabeceira e despejou-o numa *T-shirt* que amarrou sobre a boca e o nariz. Depois desceu ao rés do chão. A festa tinha acabado, estava tudo em silêncio. Por entre a névoa, descortinou muitas pessoas que dormiam no meio de uma extensão de garrafas, pacotes de batatas fritas, fragmentos de papel de estanho com pedaços de haxixe e cinzeiros a transbordar.

Continuou até à entrada, fechando a porta atrás de si para evitar que o incêndio se propagasse, e seguiu o fumo negro que saía por baixo da porta da cozinha.

Os olhos ardiam-lhe e tinham começado a lacrimejar, mas depois de todos os treinos efetuados com lacrimogéneos sabia que a única regra era apertar os dentes: podia tossir, chorar e vomitar, mas enquanto não esfregasse os olhos continuava em condições de levar a missão até ao fim.

Entrou de gatas na cozinha cheia de fumo e voltou a fechar a porta. O fogo parecia uma bandeira de um amarelo intenso no meio de um nevoeiro cerrado.

Susteve a respiração e sentiu uma onda de calor no rosto enquanto se aproximava do fogão. As chamas tinham-se libertado de uma frigideira e atingido o exaustor, incendiando a prateleira das especiarias.

Estendeu uma mão e desligou o fogão. Depois avançou às apal-padelas até à despensa e remexeu atrás do aspirador até encontrar o extintor.

As lágrimas corriam-lhe em fio. Regressou ao fogão, tirou o pino de segurança e borrifou com espuma até apagar o fogo.

Largou o extintor, que caiu ao chão com um grande estrondo. Com espasmos nos pulmões, regressou à porta da cozinha e abriu-a com um pontapé, saiu para o ar fresco da manhã e arrancou a *T-shirt* da cara. Estava ainda com uma respiração ofegante quando voltou à casa e abriu todas as janelas para deixar sair o fumo.

Encontrou Mark do banquinho do caramanchão de lilases. Estava a fumar junto de uma loira. No chão, entre os seus pés descalços, havia uma garrafa de *whisky*.

– Meu amor – disse ele a sorrir, bêbedo, quando a viu aparecer à frente dele.

– Empristas-me o telefone?

– Claro.

Com gestos desajeitados, Mark tirou o telemóvel do bolso.

Jasmin pegou nele, ligou o número de emergência e disse que tinha havido um incêndio, que o tinha apagado mas que poderia ainda haver brasas no travejamento. O operador disse que ia mandar uma autobomba. Jasmin agradeceu e desligou a chamada.

– Há um incêndio na cozinha? – perguntou Mark.

Jasmin abanou a cabeça, telefonou à mãe e perguntou se podia mudar-se para casa dela.

– Sou um cretino – murmurou Mark.

Ela devolveu-lhe o telefone, fitou-o, observou o rosto marcado, os olhos tristes e a tatuagem com o dragão que se desenrolava ao longo do bíceps relaxado. Não conseguiu deixar de sentir pena dele, enquanto caminhava em direção ao portão para ir esperar a mãe.

Mark encontrava-se no Afeganistão quando ela deu à luz o filho de ambos. Em compensação, a mãe de Jasmin ficou com ela no hospital e a irmã, Diana, tirou uns dias de férias e foi de avião até Estocolmo para ver o recém-nascido e ser madrinha de batismo.

Jasmin decidiu chamar-lhe Dante.

Ficou em casa da mãe durante mais de um ano. Juntas, mudaram fraldas ao bebé e viram-no crescer, gatinhar e levantar-se, agarrado aos móveis.

Jasmin arranhou emprego como secretária-adjunta no Ministério da Defesa e trabalhou em *part-time* enquanto prosseguia os estudos de Gestão de Conflitos Internacionais.

Mark estava em casa por períodos muito breves, mas Jasmin fazia tudo para que ele pudesse ver o filho. Das primeiras vezes, quando Dante dormia em casa de Mark, Jasmin ficava à espera no carro, em frente à entrada, até de manhã. Mark era sempre terno com Dante, mas continuava a levar uma vida desregrada. Quando estava na

Suécia, entre duas missões, continuava a emborcar *tequila* com os amigos, a fazer churrascos no jardim das traseiras e a mergulhar nu no lago.

O emprego temporário no Ministério da Defesa levou a um contrato fixo, e Jasmin, com a ajuda da mãe, comprou um apartamento a dois passos do local de trabalho e do infantário.

Às vezes sentia um desejo absoluto de uma relação física, uma ânsia de experimentar os estímulos elementares que se escondem nas profundezas do corpo, nos nervos e na pele. Nesses momentos, engatava um homem na cafetaria da universidade e levava-o para as casas de banho.

Não atingia o orgasmo. Talvez o conseguisse se estivesse num quarto de hotel, mas não era isso que procurava.

Talvez aquilo de que ela precisava fosse a solidão do depois, o momento em que empurrava o homem para fora da casa de banho para voltar a fechar a porta e sentar-se na sanita, com as pernas a tremer.

4

Tinham passado cinco anos desde o início da sua nova vida. Jasmin Pascal-Anderson pousou os pesados sacos de compras no chão da entrada, enquanto Dante tirava o chapéu e o atirava para cima da consola. Tinha as faces rosadas e os caracóis castanhos estavam colados à testa molhada.

Jasmin ajoelhou-se, ajudou-o a descalçar as botas e abriu-lhe o macacão acolchoado.

– Vá lá, colabora – disse-lhe, enquanto lhe despia as mangas.

Dante agarrou-se à cabeça dela para não perder o equilíbrio e aproveitou para mexericar no brinco.

– Uma pérola verdadeira.

– Sim.

Jasmin levantou-lhe uma perna e puxou a meia de riscas, fazendo-a saltar para o chão.

– Mas perdeste a outra – disse o pequeno.

– Pois foi – respondeu ela, pensando que, em qualquer caso, tinha sobrevivido.

– Vou-te comprar um brinco lindíssimo.

Dante tinha herdado de Mark as pestanas compridas e a covinha no queixo. Era pequeno para a idade, mas também ela o tinha sido, antes da puberdade.

Preparou-lhe um banho quente e, enquanto cozinhava, ouviu-o repetir a cantilena do alfabeto com seriedade e concentração. A irmã mais velha de Jasmin, Diana, estava em Estocolmo num congresso

de medicina, mas ia faltar à receção na Câmara para ir ter com ela e entregar a Dante um presente de aniversário antecipado.

A vida prosseguia, sem solavancos, e nada deixava pressagiar o perigo que se aproximava a grande velocidade.

Jasmin preparou umas almôndegas de carne com toucinho picado e cebolas e cogumelos salteados em manteiga, regados com vinho tinto e caldo de vitela.

Lavou a faca à mão, secou-a com um pano e tomou-lhe o peso durante alguns segundos; depois voltou-se e, com um impulso do braço, atirou-a para o extremo oposto da cozinha. A lâmina cintilou à luz do candeeiro de teto. A faca deu duas voltas completas e foi enterrar-se numa tábua robusta cheia de rachadelas que estava pendurada na parede.

Jasmin baixou o lume e regressou à casa de banho e a Dante, que estava a pôr espuma no queixo e em cima da cabeça, a imitar uma barba e um barrete.

Lavou-lhe o cabelo, secou-o e só teve tempo de lhe vestir o pijama com barquinhos vermelhos e azuis antes que a campainha tocasse.

– Na próxima semana faço cinco anos – disse Dante, assim que a porta se abriu.

– Ai sim? – perguntou Diana, fingindo-se estupefacta.

– Olá, mana. – Jasmin abraçou-a e começou a desabotoar-lhe o sobretudo. – Como é que correu o congresso?

– Foi bastante interessante.

Também Diana tinha caracóis loiro-avermelhados. Os cabelos grisalhos passavam ainda despercebidos no meio da cabeleira farta, mas o rosto sardento era atravessado por rugas ténues.

– O que é que tens nesse saco? – perguntou Dante.

– Dá-lhe pelo menos tempo para entrar – disse-lhe Jasmin, enquanto pendurava o sobretudo da irmã.

Diana tirou do saco um embrulho com uma fita azul brilhante.

– Posso abri-lo já? – perguntou Dante, a olhar para a mãe.

– Se quiseres.

Dante arrancou o papel e viu que era um livro. Agradeceu, mas nem se dignou sequer olhar para ele, porque Diana tinha tirado do

saco outro presente. Dante abriu o embrulho e exultou de felicidade ao ver que era uma espada de plástico prateada.

Diana sorriu.

– Não será deseducativa?

– Dante, o que é que tu pensas das crianças que usam armas de brincar? – questionou Jasmin.

– Que fazem bem – respondeu ele, ao mesmo tempo que entravam os três na cozinha.

Diana e Jasmin falaram da mãe, disseram que ultimamente parecia ter recuperado o sorriso, apesar de continuar a pôr a mesa para o pai quando estava sozinha.

Jasmin pegou em Dante ao colo, enquanto este esticava o braço em direção à cortina.

– Leva a espada para o quartinho e... Não, espera. Primeiro tens de apanhar o papel do chão da entrada.

Serviu dois copos de vinho, à espera que o molho comesse a ferver.

– Disseste-lhe qual era a tua profissão antes de ele nascer? – perguntou-lhe Diana, assim que Dante se afastou.

– Ainda é cedo.

Jasmin arrancou a faca de cozinha da tábua, cortou uma fatia grossa de manteiga, deixou-a mergulhar no molho escuro e mexeu devagar, observando a estria amarela arrastada pelo remoinho lento.

– Tens alguém com quem falar? – perguntou Diana.

– Ainda não tenho tempo para conversas – respondeu Jasmin, a sorrir.

– Já me esquecia de que tens de ter sempre a última palavra.

– Não é que *tenha*.

Jasmin bebeu um gole de vinho.

– Quando eras pequena, contradizias as personagens da televisão.

– Se diziam disparates, não era caso para as deixar...

– Ainda fazes isso?

– Não – respondeu Jasmin.

Diana riu-se e observou-a enquanto ela desligava o fogão e pegava na panela.

– A mãe contou-me que estás a pensar noutra emprego no Ministério da Defesa – murmurou.

– Não tenciono candidatar-me.

Jasmin filtrou o molho através de um coador de malha estreita.

– Podia ser uma quebra na monotonia quotidiana – continuou Diana, com um tom ligeiro.

– Nem todos podemos ser neurocirurgiões. – Jasmin dispôs as almôndegas numa grande travessa. – Acontecem coisas, as pessoas mudam... Já não preciso de entusiasmo. A ti pode parecer enfadonho, mas o trabalho de secretária agrada-me. É mesmo à minha medida.

– Só estou a dizer que deves fazer aquilo que te apetecer – disse Diana, muito séria. – Não há nada que tu não possas fazer. Superaste um trauma de guerra, tiveste um filho, deixaste o Mark, arranjaste uma casa e um emprego.

– Mas não salvei o Lars nem o Nico. Talvez estivessem ainda vivos, se eu tivesse agido de outra forma, se tivesse...

– Fizeste aquilo que devias – interrompeu-a Diana. – O inquérito demonstrou-o, até recebeste uma medalha. Fizeste tudo aquilo que estava ao teu alcance para os salvar...

– Não no cais.

Foi ela quem primeiro se espantou por ter dado aquela resposta. Há muito tempo que não falava do cais, apesar de o seu espírito ali regressar continuamente.

– A mãe diz que estás bem – disse Diana em voz baixa.

– É verdade.

Jasmin olhou para fora da janela. Sobre os telhados tinha caído o crepúsculo e um crescente de lua velejava pelo meio das ténues nuvens noturnas.

– Ainda acreditas que o cais existe mesmo?

– O que queres que te responda? – perguntou Jasmin, e deixou escapar um sorriso.